



# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



## UMA TRAJETÓRIA, MUITOS ACERVOS: PERCURSOS DE UMA PESQUISA E OS EMBATES DO TEMPO PRESENTE

Karla Simone Willemann Schütz<sup>1</sup>

**Resumo:** O trabalho com trajetórias individuais e arquivos pessoais é permeado por diversos dilemas e obstáculos. No intuito de levantar aspectos metodológicos relacionados ao trabalho com arquivos pessoais e ego-documentos, o presente trabalho busca refletir acerca das (im) possibilidades que se abrem as pesquisas que se lançam à investigação de trajetórias individuais no que tange o acesso e operacionalização das fontes de pesquisa. Para guiar essa reflexão será tomado como objeto o percurso da pesquisa de tese desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina: “Um historiador entre-lugares: a historiografia catarinense e a trajetória do professor Carlos Humberto Pederneiras Corrêa (1963-2016).” Desde o momento de sua concepção ao momento em que o trabalho vai ganhando forma, pesquisadoras e pesquisadores são levados a efetuar escolhas teórico-metodológicas tendo em vista as questões que permeiam a sua investigação, as quais muitas vezes apontam para discussões que tangenciam o campo da História do Tempo Presente, buscando uma interface com tais debates que o presente trabalho apresentará os caminhos percorridos e as escolhas ao longo da pesquisa de tese efetuadas.

**Palavras-chave:** Arquivos pessoais, trajetória, História do Tempo Presente.

### INTRODUÇÃO

O historiador do presente dialoga com sua própria fonte e trabalha, portanto, “sob-vigilância” (FRANK, 1999, p. 116).

Lidar com temáticas de uma temporalidade próxima coloca muitas vezes historiadoras e historiadores em situações um tanto desconfortáveis. Em certos momentos, essa condição de proximidade - e a conseqüente presença de inúmeras testemunhas das histórias que desejam contar - encurrala estes profissionais num intrincado jogo entre a cumplicidade e a tensão de estar “sob-vigilância”. Dentro desse cenário, como coloca Robert Frank (1999, p. 115): “Há, às vezes, conflito silencioso entre o portador do vivido, que pensa ter direitos em nome dessa vivido, e o historiador que, tornando o fato inteligível, vai intectualizá-lo”. Por esse ângulo,

---

<sup>1</sup> Doutora em História, Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, e-mail: karlawschutz@gmail.com



# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL **HISTÓRIA DO TEMPO 2021** PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



como “verdadeiras conhecedoras” do ocorrido, as testemunhas podem vir a questionar aquilo que é produzido por meio de fontes, métodos e teorias pela historiografia (vale lembrar, por meio de fontes, métodos e teorias que lhe são próprias).

A reflexão que se tentou estabelecer a seguir não tratou exatamente de pensar acerca de uma relação conflitual entre uma historiadora e algumas testemunhas, mas sim, de pensar as motivações que levaram à “suspensão” de um possível conflito entre o discurso historiográfico e uma “memória particular” relativa ao legado de um personagem específico. Para guiar essa análise, portanto, foi tomado como objeto o percurso da pesquisa de tese desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina: “Um historiador entre-lugares: a historiografia catarinense e a trajetória do professor Carlos Humberto Pederneiras Corrêa (1963-2016)” defendida por mim em outubro de 2020.

A pesquisa teve como principal proposta investigar a trajetória profissional do historiador e professor catarinense Carlos Humberto Pederneiras Corrêa. Com base na crítica de um arcabouço diverso de fontes a tese almejou correlacionar as redes de sociabilidade de Corrêa à dimensão textual que perpassa sua trajetória (desde suas produções escritas aos discursos produzidos sobre ele).

## **ENTRE INTENÇÕES E UM “CAMPO DE POSSIBILIDADES”**

Carlos Humberto Pederneiras Corrêa – falecido no ano de 2010 - vivenciou e participou de momentos chave da produção historiográfica em Santa Catarina, tanto no campo universitário, quanto no âmbito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. No cenário da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por exemplo, foi o primeiro aluno a defender um trabalho no recém-inaugurado Programa de Pós-Graduação em História da UFSC. Seu trabalho tratava da metodologia da história oral e, logo após a defesa de tese em 1977, foi editado e lançado em forma de manual no ano 1978, se constituindo a primeira publicação do gênero divulgada no Brasil. Sendo assim, ao seguir os rastros deixados por este “homem de letras”, pretendia-se problematizar os percursos tomados pelos estudos históricos catarinenses e pela própria história oral, campo no qual Corrêa se constitui referência.



# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



No momento inicial da pesquisa, almejava-se analisar uma gama diferenciada de indícios encontrados no arquivo pessoal de Corrêa. Essa documentação composta por elementos entendidos como ego-documentos, ou seja, documentos que expressam a personalidade, a intimidade do titular desse arquivo, atuaria como testemunha de diferentes momentos da sua vida, de suas relações pessoais e profissionais, de seus interesses e seria o principal conjunto documental analisado na tese. O projeto previa também problematizar algumas de suas produções acadêmicas e outros documentos produzidos na Universidade Federal de Santa Catarina que pudessem contribuir com o desenvolvimento da reflexão. E, por fim, entravam nesse panorama as fontes orais, constituídas tanto por entrevistas nas quais Corrêa foi interlocutor, quanto entrevistas com sujeitos que mantiveram algum tipo de contato com este historiador. Apoiada na interpretação destas fontes a pesquisa objetivava demonstrar a complexidade de uma trajetória individual, seus encontros, desencontros e contradições.

Ao colocar em perspectiva essas diferentes expectativas relacionadas à pesquisa, saltaram aos olhos alguns aspectos históricos e metodológicos que relacionam os arquivos pessoais e o ofício historiador. Nesse cenário, primeiramente pode ser colocada em destaque a conjuntura que coloca os arquivos pessoais na mira de historiadoras e historiadores. Enquanto no passado esses resíduos do vivido que compõem o que denominamos como um “arquivo pessoal” era comumente mais valorizado pelos próprios familiares ou pessoas próximas ao titular e “acumulador” do acervo, atualmente se percebe que esses arquivos se colocam como fontes e objetos de análise cada vez mais frequentes não só na historiografia, mas também em áreas como a antropologia, sociologia e, claro, arquivística (TRAVANCAS; ROUCHOU; HEYMANN, 2013, *passim*).

Em relação à História, pode-se relacionar o crescimento da popularidade dos arquivos pessoais ao lugar que o “indivíduo”, ou melhor, que as “trajetórias individuais” ocupam na pesquisa histórica nas últimas décadas. Em tal conjuntura, fica para trás um passado historiográfico onde a biografia e o estudo de trajetórias era diretamente relacionado a uma história tradicional e, supostamente, “positivista”. As pesquisas atuais sobre trajetórias e com arquivos pessoais corroboram reflexões nas quais o estudo de percursos individuais são entendidos como percursos dinâmicos e portadores de historicidade (TRAVANCAS; ROUCHOU; HEYMANN, 2013, *passim*).



# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Entretanto, apesar dessa flagrante maior inserção dos arquivos pessoais em pesquisas das mais diversas áreas, é preciso sempre levar em conta, sobretudo, quando lida-se com objetos da História do Tempo Presente que o trabalho com esses ego-documentos, tão presentes nos arquivos pessoais, não envolve somente aspectos metodológicos como a “crítica documental”. Também estão associados ao processo de encontro com as fontes outros elementos como: a relação entre o pesquisador e aqueles que salvaguardam tal documentação e o próprio acesso a elas. Por diversas vezes, as pessoas próximas ao personagem (ou personagens) ao qual determinados arquivos estão vinculados almejam a construção e perpetuação de memórias particulares sobre o titular dessas coleções. Por esse ângulo esses documentos podem ser entendidos como testemunhas de uma vida íntima, que não é aberta à qualquer um, pois são portadores de memórias muitas vezes sensíveis, com as quais famílias e guardiões podem ter muito zelo.

Na experiência de pesquisa à qual este texto se refere, emergem como foco de reflexão duas fases distintas do processo de pesquisa. No primeiro deles, entram em cena as próprias expectativas da pesquisadora em relação ao trabalho ainda no seu momento inicial: o processo de elaboração do projeto de pesquisa e os primeiros contatos com a família de Corrêa, objeto da tese. Foi nessa primeira fase que se colocaram os primeiros dilemas de uma historiadora do tempo presente. Por não se tratar de uma documentação ainda catalogada de forma a ser colocada disponível para consulta, as primeiras dificuldades de acesso ao arquivo pessoal de Corrêa emergiram, pois após sua morte, com vistas à mudança de endereço da própria viúva, aquela responsável pela salvaguarda do arquivo desse historiador, parte da documentação referente a este arquivo— pequena parte de sua biblioteca — foi transferida para um novo endereço, enquanto a maioria da documentação relacionada a sua vida pessoal e profissional permaneceu no antigo endereço ou foi descartada, como afirmou a viúva de Corrêa.

A este quadro desfavorável à consulta, somou-se a reticência da responsável pela salvaguarda em permitir o acesso ao arquivo. No entanto, curiosamente, ao mesmo tempo que criava empecilhos para o acesso ao arquivo, a viúva de Corrêa demonstrava a satisfação em ver uma pesquisadora interessada na vida de seu marido e fazia transparecer em seu discurso a ideia de que o trabalho a ser realizado poderia atuar como uma homenagem a ele ao destacar a sua importância no campo um intelectual catarinense. Dando prosseguimento a esses primeiros passos da pesquisa, entrou-se em contato com outros homens e mulheres próximos



# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



a Corrêa, e, da mesma forma que ocorreu na conversa com a guardiã de seu arquivo, foram se manifestando diversos discursos em direção à “consagração” de uma imagem positivada e idealizada desse historiador que poderia se perenizar no trabalho de tese que desejava-se empreender<sup>2</sup>.

Tomando essa conjuntura como pano de fundo, novos “campos de possibilidade” para a pesquisa precisaram ser buscados. Essas novas movimentações, por sua vez, permitiram refletir sobre o impacto de nossas escolhas metodológicas e teóricas, bem como, da relação que estabelecemos com aqueles que estão de certa forma “alheios” ao trabalho historiográfico. Mesmo que ignorem alguns de nossos pressupostos, esses personagens, (famílias, comunidades, instituições etc.) de alguma forma, se colocam como figuras integrantes de nossos trabalhos, tangenciando o processo de pesquisa e certas vezes acessando ao que por nós é produzido. E, é pensando nessa proximidade que emerge a problemática do historiador do Tempo Presente e dos “usos” que este faz do passado. Foi também a partir dela que a pesquisa de tese ganhou contornos diferentes.

## **PERCORRENDO NOVOS CAMINHOS**

No cenário que se colocava em relação à consulta do arquivo pessoal de Corrêa, novos traçados de pesquisa teriam que ser desenhados e esse novo horizonte de expectativas trouxe consigo inúmeras questões, tais quais: como se posicionar em relação a este quadro? Render-se às expectativas dos familiares somente para insistir e assim possivelmente ter acesso a esse arquivo? Ou quem sabe abrir mão do projeto de pesquisa? Como elaborar um trabalho pautando-se naquilo que consiste o ofício do historiador, que se orienta por suas fontes e metodologia? Após essas inúmeras indagações algumas escolhas tiveram que ser feitas, e esse é o objeto do relato a seguir.

Após um momento de hesitações e com pequenos entraves, iniciou-se um segundo momento da pesquisa, que prosseguiu a partir de alguns desvios, sem que, no entanto, se perdesse de vista o seu objetivo principal: pensar Corrêa e a sua obra a partir das relações que este personagem estabeleceu. Ao longo desses deslocamentos, se pode ver que rastros da

---

<sup>2</sup> Essa conjuntura é analisada na tese com maior cuidado e, inclusive, teve suas reflexões iniciais como mote de comunicação apresentada no Seminário de História do Tempo Presente realizado em 2017.



# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



intimidade podem ser encontrados nos mais diversos espaços de arquivamento, rastros que as vezes, não estão necessariamente nos arquivos pessoais. Aliás, como coloca Campos (2016), nas intrincadas relações entre o perfil público e a intimidade das pessoas, possivelmente o “mapa da mina” está muito mais fora do que dentro dos arquivos. É o que esse autor examinou a partir de pesquisa em periódicos impressos, que acabaram por revelar mais “episódios obscuros” da intimidade de alguns indivíduos do que os arquivos que a eles pertenciam. Nesse sentido, é importante não perder de vista que os arquivos pessoais, em sua grande maioria, sofrem diversas seleções e interferências, que por vezes constroem imagens idealizadas de seus titulares e que podem nos dizer mais coisas com o seu silêncio do que com os seus vestígios.

Além do mais, os encontros com exemplos de outras pesquisas que tivessem sofrido deste mesmo “mal” foram também importantes para manter os esforços na busca pelos rastros da trajetória de Corrêa. Entre essas convergências está aquela com os trabalhos do historiador François Dosse. Paralelamente ao período de escritura da tese, realizou-se a leitura de *Paul Ricoeur: um Filósofo em seu Século* (2017), de Dosse (leitura que se deu mais por uma curiosidade particular do que propriamente acadêmica). Nessa biografia intelectual de Ricoeur, Dosse realizou uma análise cuidadosa das obras do filósofo, não privilegiando somente aspectos particulares da vida e obra desse intelectual, mas colocando em cena também personagens e autores que atravessaram sua jornada de vida. Logo após terminar a leitura dessa obra, foi revisitado *O desafio biográfico*, do qual Dosse também é autor. E foi nessa nova “visita” ao livro que encontrei o relato sobre o processo de pesquisa que culminou em *Paul Ricoeur: um Filósofo em seu Século*. Ali encontrei uma conjuntura muito próxima daquela à qual eu estava vivenciando e, desta forma, eu pude compreender os caminhos escolhidos por ele tendo em perspectiva a minha própria experiência.

Assim como a pesquisa aqui relatada, o trabalho de Dosse não teve acesso ao arquivo pessoal de Ricoeur, e essa condição, como o próprio historiador confessou, em um primeiro momento colocou em suspensão a possibilidade de sua concretização. Entretanto, contra todos os sinais que uma intuição historiadora poderia pressentir, Dosse persistiu na pesquisa e empenhou-se em “coletar um material tão extenso quanto possível, a fim de recortar as fontes de informações, para em seguida confrontá-las com os textos [de Ricoeur]” (DOSSE, 2009, p. 375). Da mesma forma, o processo de pesquisa sobre a trajetória de Corrêa foi permeado por



# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



andanças insistentes entre bibliotecas e arquivos, por idas e vindas, em uma busca contínua por rastros dos percursos por ele seguidos.

Levando em conta as reticências da viúva em relação à consulta do acervo e a necessidade de manter certa independência dos anseios embutidos no seu interesse em ver materializada uma narrativa sobre ele, mas também o desejo de respeitar o posicionamento da família do personagem pesquisado, a pesquisa direcionou-se para ângulos mais “publicizados” da trajetória de Corrêa, ou seja, aspectos relacionados a sua atuação na esfera pública. Com esse movimento a pesquisa não dependeria mais da consulta ao arquivo pessoal do historiador. Essa afastamento pareceu necessário, pois como colocou Dosse em entrevista cedida em meio à polêmica das “biografias autorizadas no Brasil”<sup>3</sup>: “Não há biografia sem liberdade de pesquisa”. De certa forma surpreso com essa controvérsia deflagrada no Brasil, ele declarou que “para um historiador e um biógrafo, fica impossível trabalhar com textos autorizados ou supervisionados, ou que dependam dos sentimentos dos biografados. É colocar uma mordaca no pesquisador”<sup>4</sup> e fez comentários sobre a liberdade dada a ele – sempre pautada na confiança – por alguns de seus biografados. Entre esses, o célebre historiador Pierre Nora, que segundo Dosse, lhe deu total autonomia, tanto em relação à consulta aos arquivos quanto ao texto que seria publicado.

Nessa mesma entrevista, Dosse trouxe ainda outros elementos para pensar os sentimentos vivenciados no decorrer da presente experiência de pesquisa. Segundo ele, para que não seja ultrapassada a fronteira tênue entre a autonomia do autor e a difamação é preciso que exista o que ele nomeia “deontologia do biógrafo”. Sendo a “deontologia” uma espécie de “teoria moral” que orientaria nossas escolhas sobre o que deveria ser feito, a “deontologia do biógrafo” abarcaria um conjunto de posicionamentos voltado para a consciência do que deve

---

<sup>3</sup> Debate juridicamente deflagrado em 2012 quando a Associação Nacional dos Editores de Livros (Anel) entrou com uma ação junto ao Supremo Tribunal Federal (STF) questionando dois artigos do Código Civil. Enquanto um dos artigos determinava que é preciso autorização para a publicação ou uso da imagem de uma pessoa e que a divulgação de escritos, a transmissão, publicação ou exposição poderão ser proibidas se atingirem a honra, a boa fama, a respeitabilidade ou se tiverem fins comerciais. Já o outro artigo afirmava que a vida privada é inviolável. A Anel em seu pedido alegava que a necessidade de autorização prévia destas publicações constituía-se como uma espécie de censura. Em 2015, o STF votou por unanimidade favorecendo os requerentes, liberando a publicação destas biografias, porém, salientando que possíveis “abusos” poderiam levar a medidas de reparação.

<sup>4</sup> François Dosse: ‘Não há biografia sem liberdade de pesquisa’. O Globo, Prosa, 19 out. 2013. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/francois-dosse-nao-ha-biografia-sem-liberdade-de-pesquisa-512485.html>



# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL **HISTÓRIA DO TEMPO 2021** PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



ou não ser publicado, e em que contexto. No entanto, Dosse alertou: cabe, ao biógrafo decidir o que é conveniente ou não, e não ao biografado.

Seguindo essas diferentes perspectivas e condições, os documentos a serem localizados e examinados, portanto, como dito anteriormente, se afastaram do “espaço íntimo” e avançaram sobre as produções elaboradas por Corrêa e por aqueles pertencentes às suas redes, bem como, a documentação disponível em espaços abertos à consulta pública como o Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, o arquivo do Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), a Academia Catarinense de Letras (ACL), o Arquivo Central da Universidade Federal de Santa Catarina e o Arquivo do Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED – UDESC).

Foi a partir desse “trabalho de formiguinha” que pouco a pouco alguns vestígios dessa trajetória foram saltando aos olhos e os locais de circulação de Corrêa e as redes nas quais estava inserido foram se delineando. Nessa dinâmica, o principal “desvio” operado durante o processo da presente pesquisa se direcionou principalmente para duas dentre as instituições já aqui mencionadas: o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e a Academia Catarinense de Letras, ambas responsáveis por uma prática de arquivamento situada no limite do que poderia ser retratado como um arquivo institucional ou um arquivo pessoal. Em um primeiro olhar, foi assim que foi pensada a documentação guardada em algumas caixas e pastas armazenadas nesses espaços.

No interior dessas pastas estão disponíveis aos pesquisadores documentações de diversas tipologias relativas aos integrantes do Instituto e da Academia. Cada membro vinculado a essas instituições possui uma “dossiê”, no qual podem ser encontrados indícios referentes a sua trajetória, principalmente profissional, como convites para eventos ou lançamentos de livros, recortes de jornal, fotografias, telegramas, revistas, pequenas publicações em forma de livro, cópias e rascunhos de discursos proferidos pelo titulares desses conjuntos documentais, cópias de e-mails, bilhetes, etc.

Ainda que esses dossiês não possam ser propriamente caracterizados como arquivos pessoais, eles forneceram elementos significativos para que a pesquisa pudesse também contar com alguns fragmentos da vida privada de Corrêa. Por abrigarem documentação deste caráter (pessoal), no decurso do processo de crítica documental foi necessário atentar para o fato de que os conjuntos de natureza pessoal, mesmo que abrigados por uma instituição, não





# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



são apenas produtos “naturais” de determinadas trajetórias individuais. Por trás dessa acumulação apresentam-se questões como os investimentos pessoais de cada titular, o desejo de promover determinada imagem perante o público e as próprias visões de mundo. Da mesma forma, estão subjacentes a esse processo a historicidade dos regimes políticos, dos processos históricos ou até mesmo dos eventos de uma história familiar. Todos esses elementos tangenciam e se objetivam na formação dos arquivos institucionais e pessoais, bem como, se objetivam nos usos que seus titulares ou aqueles que ficam responsáveis pela sua preservação lhe concedem. Tais pontos, em suma, fornecem diferentes maneiras de compreensão dos arquivos, pois se colocam como maneiras de pensá-los para além daquelas que legam aos documentos e conjuntos documentais apenas o *status* de fonte histórica.

Outro arquivo também mostrou algumas particularidades, não propriamente em relação ao seu processo de arquivamento (mesmo que de alguma forma, aquilo que se sucedeu estaria supostamente relacionado a problemas quanto ao acondicionamento da documentação), mas sim, no que se refere ao seu acesso. Trata-se do arquivo do Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), instituição da qual Corrêa foi diretor entre os anos de 1963 e 1969. Nesse caso, menos (ou quase nenhum) elemento da “intimidade” de Corrêa pode ser visualizado. Além do caráter do próprio arquivamento, voltado, claro para a história do MASC e da Arte de Santa Catarina, emergiu ao longo do processo de consulta um problema que acomete diversos pesquisadores, qual seja, a impossibilidade de acesso a grande parte do acervo, mediante a justificativa de que a documentação não estaria adequadamente “organizada”. Pois bem, mais uma vez o problema da organização! No entanto, diferentemente da interdição operada pela viúva de Corrêa, que estava ligada ao âmbito particular, aquela praticada pelos responsáveis do arquivo do MASC se refere a uma instituição de caráter público. Nesse sentido, quaisquer impedimentos estabelecidos contra a sua consulta se colocam como uma transgressão do princípio de transparência no que tange às informações nele acondicionadas. Tal transparência está pautada na Lei de Acesso à Informação (LAI) n. 12.527, de 18 de novembro de 2011, a qual regula o acesso a informações públicas em todos os âmbitos do poder público brasileiro. Apesar de existir uma lei que regule estas práticas, essa almejada acessibilidade muitas vezes esbarra justamente na questão da organização desses arquivos, que muitas vezes não contam com profissionais dedicados à torná-los disponíveis (CARLI, FACHIN, 2017).



# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Mesmo sabendo da possibilidade de solicitar que essa documentação fosse acessada, pois esse seria um “direito”, resolveu-se não seguir por esse caminho, pois a busca paciente e contínua por outros arquivos havia evidenciado muitos outros indícios e colocado sob a lente da pesquisadora episódios bastante curiosos, que com um olhar atento permitiram fazer inferências também acerca de escolhas pessoais de Corrêa. Como foi o caso do acesso à documentação referente ao concurso público que Corrêa prestou no início da década de 1990 para assumir como docente do Curso de História da Universidade do Estado de Santa Catarina. Nesse concurso, informam as atas, uma situação inusitada se desenrolou: após obter uma pontuação muito superior a dos outros candidatos na prova de títulos, Corrêa aparece nos registros como desistente da prova escrita. Nos documentos, ainda consta que ele não apenas teria se ausentado após receber as questões, como teria deixado o local de prova sem assinar a folha de prova e a lista de presença. Os motivos que levaram a essa desistência são, de fato, difíceis de determinar, ainda mais quando constatamos que Corrêa estava bastante à frente de seus concorrentes na prova de títulos. No entanto, essa atitude possivelmente mostra um desejo de reingressar na carreira do magistério superior, uma decisão que talvez não estivesse tão clara em seu arquivo pessoal.

## CONCLUSÃO

Entre obstáculos e desvios a pesquisa permitiu mais que simplesmente analisar o que o arquivo pessoal de Corrêa possivelmente abriga, a impossibilidade de consultá-lo acabou por fazer emergir indagações num primeiro momento não pensadas. Questionamentos que se referem, por exemplo, aos debates que tangenciam os processos de preservação de determinadas memórias e dos usos do passado que perpassam as expectativas subjacentes aos projetos de pesquisa – em especial no campo da história –, e que também estão vinculados às próprias práticas de arquivamento.

A forma como a História do Tempo Presente se configura está inevitavelmente ligada à da extensão temporal, e assim, entende-se que as trilhas aqui expostas adquiriram seus contornos em vista de uma relação de proximidade temporal com o período investigado. O desenvolvimento que culminou na tese se deu pelos diferentes processos de seleção das fontes, de escolha de ferramentas metodológicas utilizadas e pelos caminhos distintos



# IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



seguidos com a intenção de atingir alguns dos objetivos traçados ainda no projeto de pesquisa. Essas diferentes abordagens mostraram o quanto a “história do tempo presente talvez nos ajude a pensar os termos de nossa mensagem e argumento” (FAGUNDES, 2014, p. 23), pois foi o “desencontro” com o arquivo de Corrêa, propiciado por essa proximidade, o grande desencadeador das práticas historiográficas objetos deste relato.

## REFERÊNCIAS

CAMPOS, José Francisco Guelfi. A lei, a ética e a divulgação dos arquivos pessoais. In: OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso; PANISSET, Bianca Therezinha Carvalho; OLIVEIRA, Isabel Cristina Borges (org.). **Arquivos pessoais e cultura: o direito à memória e à intimidade**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2016, p. 271-284.

CARLI, Deneide; FACHIN, Gleyze. A Lei de Acesso à Informação e a gestão de documentos. **Biblios**, Pittsburgh, n. 66, p. 47-59, jan/mar 2017 .

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: EDUSP, 2009.

DOSSE, François. **Paul Ricoeur: Um filósofo em seu século**. Rio de Janeiro: FGV, 2017.

FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. É possível fazer tábula rasa do passado... e do presente dos historiadores? In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História do tempo presente**. Rio de Janeiro: FGV, 2014. p. 15-34.

FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU, TÉTART, **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p. 103-117.

TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana (org.). **Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.